

MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

CLASSE DE CIÊNCIAS

TOMO XLV

**Palavras de abertura da sessão
conjunta das duas classes da
Academia das Ciências de Lisboa
comemorativa do cinquentenário
de C. P. Snow**

E. R. DE ARANTES E OLIVEIRA



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

LISBOA • 2018

Palavras de abertura da sessão conjunta das duas classes da Academia das Ciências de Lisboa comemorativa do cinquentenário de C. P. Snow

E. R. DE ARANTES E OLIVEIRA

Em boa hora, a Academia das Ciências de Lisboa decidiu comemorar, em sessão conjunta das suas duas Classes, o cinquentenário da obra mais famosa de Charles Percy Snow: “*As duas culturas e a Revolução Científica*”. Agradeço ao Professor Artur Torres Pereira, coordenador do Colóquio, e aos oradores que ele convidou, nomeadamente ao Presidente da Classe de Letras, Professor Adriano Moreira, o facto de se terem prontificado a colaborar nesta emblemática iniciativa.

No século XVIII, alguns iluministas levaram o seu entusiasmo pela cultura científica ao ponto de a elevarem acima da humanística. O nosso estimado Abade Correia da Serra escreveu na sua introdução às “*Memórias Económicas*”, justo orgulho da Academia, “que o estudo da literatura nacional parecerá porventura a alguns menos próprio para o aumento da agricultura, das artes e da indústria”. Mas acrescentou: “se esta observação é justa pelo que toca à língua e à poesia, longe está de justificar-se pelo que respeita à história da nação”. Considerava pois o célebre Abade que a língua e a poesia eram “menos próprias para o desenvolvimento da agricultura, das artes e da indústria”, mas via toda a utilidade no estudo da História.

Paradoxalmente, à medida que os anos foram passando e a Ciência progredindo, os modelos literários e artísticos adquiriram importância como instrumentos de investigação científica. Efectivamente, o esforço de imaginação que contribui para a elaboração de uma obra literária, de uma pintura, de uma escultura, dotam os modelos científicos de algo que, embora não se exprima por palavras ou equações, tem para os investigadores um inegável interesse. É que a imaginação permite intuir o ser. E, assim, compor um livro, pintar um quadro, ou dar forma a uma estátua, podem revelar algo que nos estava oculto. Não chegou o grande teólogo suíço Hans Urs von Balthazar a escrever que a contribuição dos artistas foi frequentemente mais importante que a dos teólogos para o desenvolvimento da Teologia?

A própria História não dispensa a colaboração dos Humanistas. Por outras palavras, os modelos que os Historiadores elaboram não podem limitar-se a um simples e seco conjunto de factos. Daí a fórmula de Eça: *sobre a nudez forte da verdade o manto diáfano da fantasia*.

Mas, ao contrário do que acontece nas nossas livrarias, cada vez mais invadidas por lixo histórico-literário que se vende abundantemente sem qualquer vantagem para a Cultura, é necessário que os escritores, fruindo embora da liberdade da criação artística, não invoquem esta para ocultar ou distorcer a Realidade. Nas Artes, tal como nas Ciências, o rigor é indispensável.

*

Permitam-me que lhes fale um pouco do meu percurso intelectual. Chamemos-lhe um estudo de caso.

No que se refere à cultura humanística, tive a felicidade de conhecer e beneficiar da influência directa do Padre Manuel Antunes, saudoso mestre e orientador espiritual. No que se refere à científica, marcaram-me profundamente dois professores que me prepararam para cultivar a Matemática e as suas aplicações: Francisco Dias Agudo no Liceu Gil Vicente, e Aureliano de Mira Fernandes no Instituto Superior Técnico.

Lembro que a Matemática é como a Música: ou se começa a cultivar cedo, ou é de perder a esperança de a tratar acima do nível elementar. Ao contrário do que pensam os leigos, a principal motivação dos investigadores na Matemática, sobretudo na Matemática pura, é o lado estético do que criam. E a História revela que muitas das contribuições para a Matemática se deveram em grande parte a cientistas jovens, por vezes muito jovens. Mais rapidamente que nas outras ciências, os anos que passam secam as fontes da inspiração.

Quando entrei no IST, levava uma boa base devida sobretudo a Dias Agudo. Num curso de engenharia, a Matemática tem uma insubstituível função formadora, mas essa acção não se limita ao rigor e à lógica. A perícia na análise exige artifícios cuja descoberta constitui uma ginástica indispensável para estimular o engenho o qual, como o nome indica, e diariamente nos era lembrado na Escola, é o que caracteriza os engenheiros.

Não esqueço porém mestres de outro tipo, como Pardal Monteiro, o arquitecto. Se não tivesse frequentado a sua cadeira de História de Arquitectura do curso de engenharia civil, talvez não tivesse aceitado escrever, a par de Santiago Calatrava, um dos artigos de um livro de prestígio editado pelos empreiteiros da Estação do Oriente. A minha contribuição de engenheiro tomou a forma de um texto densamente escrito, ainda que levemente ilustrado. Em contraste, Calatrava, o arquitecto, recorreu maciçamente à linguagem icónica: pondo de lado o apoio de qualquer texto, apresentou uma sucessão de belíssimos esboços executados na fase de projecto.

Quando Frederico Mayor era Director-Geral da UNESCO, nomeou-me *Coordenador Geral da Década Mundial do Desenvolvimento Cultural*, cargo para que considerava apropriado – cito palavras suas – o meu *perfil de engenheiro com fortes preocupações culturais*. Razões de política interna da Organização impediram que o projecto de Mayor se concretizasse. Formalmente nomeado, nunca cheguei pois a ser empossado. Igualmente se gorou uma tentativa seguinte: a de me nomear *número 2* do sector da Cultura. Neste caso, a culpa foi minha: optei por ser Director do LNEC, função para que fora quase simultaneamente convidado.

Tinha-se-me aberto porém, alguns anos antes, uma nova frente de actividade humanística: a da investigação histórica. Única das Ciências Humanas em que me tornei investigador, a pesquisa da História transformou-se numa paixão que curiosamente se intensificou depois de ter reentrado no LNEC, onde muitos anos antes me treinara como investigador científico. Todos os dias, depois de um breve almoço na cantina do Laboratório, passava umas duas horas na Torre do Tombo ou na Biblioteca Nacional. E sempre que me deslocava a outros centros de cultura, portugueses ou estrangeiros, frequentava bibliotecas e arquivos. Pude assim publicar vários trabalhos. A Academia Portuguesa da História elegeu-me seu sócio honorário, como antes o fizera a Sociedade de Geografia. E tudo isto se passou depois dos saudosos anos em que, sucedendo a Teixeira da Mota, fui Presidente da Academia de Marinha.

*

Sublinho, para concluir, que não constitui exagero afirmar que o interesse pelas Humanidades é normal entre os membros da Classe de Ciências. Poderia mencionar numerosos exemplos, não só do

passado, como da actualidade. Não me compete fazê-lo. Mas não resisto a apontar, de entre os contemporâneos, três académicos que não figuram entre os oradores: Miguel Telles Antunes, Director do Museu Maynense, que vem pondo ao serviço da Academia uma profunda cultura humanística, José Esperança Pina que temos visto abordar temas de Artes Plásticas com uma profundidade que resulta da formação de anatomista, e Luís Aires-Barros, professor jubilado de engenharia de minas, hoje Presidente da Sociedade de Geografia de Lisboa.

(COMUNICAÇÃO APRESENTADA ÀS CLASSES DE CIÊNCIAS E DE LETRAS
NA SESSÃO CONJUNTA DE 26 DE NOVEMBRO DE 2009)